

O Castanheirense

Fundador: DR. JOSÉ FERNANDES DE CARVALHO

Jornal Regionalista — Por Castanheira-de-Pêra e Região

AVENÇA

ANO XI	Redacção, Administração e Oficinas: Castanheira-de-Pêra — Telefone 16	Director e Editor: Adriano José Sebastião Coelho	PROPRIEDADE DAS Of. Gráf. da Ribeira de Pêra, L.da	N.º 355
-----------	--	---	---	------------

Temas oportunos

Escola Industrial

A LEITURA de «O Castanheirense», que nunca ponho de lado, tem dado ao meu conhecimento a impressionante localidade, os seus arredores, os seus valores, as suas possibilidades e a sua gente boa, laboriosa e afável.

Por êste modo e pela estampa e gravura estou certo de que, se um dia acordasse no seio do povoado e abrisse a janela, reconheceria imediatamente a progressiva sede concelhia.

António Alves Bebiano foi alma da sua situação actual, na estêra da Indústria. Ouvi falar dêle com elogio, quando ainda vivo e até me recorde de tê-lo visto a bordo, no porto de Lisboa, com destino ao Brasil.

Afigura-se-me, que não cursou escola industrial pròpria-mente dita; mas com certeza cursou a escola do trabalho, animado por força de vontade e energia pessoal resistente.

Fêz-se por si próprio, legando obra triunfante.

Indivíduos dêste quilate não abundam, infelizmente. São diamante e lapidário ao mesmo tempo. E, nestes termos a escola torna-se indispensável para a grande maioria, falha de iniciativa e débil ou fraca de querer.

Não é alheio o ensino industrial à legislação portuguesa. Em 30 de Dezembro de 1852 foi estabelecido por decreto, modificado ou alterado por idênticos diplomas, datados de 20-12-69, dêles provindo os institutos, industrial e comercial de Lisboa e industrial do Porto, abrindo-se escolas industriais em Guimarães, Covilhã e Portalegre, isto, até 1871.

Posteriormente, no longo período de 76 anos decorridos, não feneceu o movimento industrial e, pelo contrário, avultou num crescendo florescente. O ensino ministrado nos institutos e nas escolas, entre as quais figuram a de Setúbal e a de Alenquer, importante vila do Ribatejo, há contribuído em vanguarda para tão lisonjeiro incremento.

Disse um insigne professor já falecido, Alvaro R. L. Valadas, em seu livro «Economia Elementar e Legislação Industrial»: «A economia industrial estabelece os preceitos, que os industriais devem seguir, para a obtenção mais rápida e perfeita da riqueza.»

Não considero deslocada, como seguimento, aqui, a afirmação de amigo, estudioso, J. M. Esteves Pereira («A Indústria Portuguesa — Séculos XII e XIX»): «A indústria é a verdadeira base da sociedade, base moral e material. Antes que se lisonjeie o espírito com os progressos metafísicos é preciso acudir às necessidades mais imperiosas.»

Ora, uma destas, consiste, irremovivelmente, em habilitar todo o pessoal a entender-se com os trabalhos a executar, a conhecer aquilo com que lida ou vai lidar.

Não falta à bolsa dos industriais meio de saber, publicidade idónea, contacto com bibliotecas de especialidade, a revista e o boletim, docentes por índole e castiços por linguagem, quais a «Indústria Portuguesa», da Associação Industrial Portuguesa de Lisboa, e o «A Indústria do Norte», da Associação Industrial Portuense; mas, pode o pessoal operário aproveitar-se destas fontes de elucidação e de conhecimento?

Só a escola local, nos centros de indústria, é de molde à realização dessa finalidade.

E é óbvio, que não são uniformes os planos e programas de cada escola, visto que divergem as modalidades de meio.

Evidentemente, perante esta verdade, escreveu um judicioso Inspector, que honrou o Ministério do Fomento, o distinto engenheiro António José Arroio, no seu livro «Relatórios sobre o Ensino Elementar Comercial e Industrial» — Lisboa — Imprensa Nacional — 1911: «E' a Nação que tem de dizer ao Estado qual a função social que compete ao ensino. São as várias localidades que devem formular as suas reclamações nesse sentido; porque só elas sabem quais sejam as suas necessidades; só elas se podem ensinar aos outros. E ao Estado compete atender, satisfazer lealmente e canalizar cientificamente, e não sistemática e illusória-

(Continúa na última página) /// F. NORONHA

VISCONDE DE CASTANHEIRA-DE-PERA

Carta de um conterrâneo

Recebemos a seguinte carta:

«Lisboa, 13 de Junho de 1947. — ... Sr. Director: Não pôde haver nada como o longe, para melhor ser apreciada a nossa terra. Eu, que me encontro retirado dela já há muito, sei observar o que pelo bem do meu berço se faz — pelo seu prestígio e firme valor

Entre as campanhas desenvolvidas pelo simpático «Castanheirense» não pondo de parte alguma — pois todas elas são de grande alcance — a mais atraente é aquela que se empenha por o levantamento de um busto ao memorável Visconde de Castanheira-de-Pêra.

A todo o momento, quando recebo o vosso bem redigido jornal procuro informar-me da importância que vai revestindo essa patriótica acção que o jornal da minha terra tomou em seus ombros.

Como vejo certa demora na abertura da subscrição pública, que deve ser brilhantemente secundada por todos os Castanheirenses, atrevo-me a perguntar ao sr. Director dêste acérrimo periódico quando me será proporcionada a feliz oportunidade de me subscrever — embora com uma insignificância — como homem que admira os raros espíritos de iniciativa como o saudoso e sempre lembrado António Alves Bebiano.

A época é de velocidades... desde que se travem marchas tão alevantado reconhecimento — como esta — não será surpresa de parar-se com o olvido...

Espero vêr nas colunas do «O Castanheirense», dentro de breve, a ansiada subscrição, aberta por homens que a devem iniciar pelo seu prestígio pessoal, quer pelo seu valor dentro da Indústria ou do Comércio.

Agradece, antecipadamente, a atenção que lhe fôr prestada o leitor assíduo e dedicado,

J. A.»

N. da R. — Descanse o nosso estimado conterrâneo. Assuntos dêstes são tratados com muita calma e acôrto.

Espere!

A Grande Jornada vai ser celebrada num dos próximos números de «O Castanheirense».

JOÃO CEPPAS

Como já noticiámos, encontra-se nesta sua terra natal, em casa de seu ex.mo irmão, sr. Manuel Alves Ceppas, importante industrial de lanifícios ex.mo sr. João Ceppas, abastado proprietário e bemquisto comerciante do Brasil.

Ao nosso ilustre conterrâneo, vem a Portugal em viagem de turismo, apresentamos as nossas saudações.

Das voltas que a vida dá...

ABASTECIMENTOS

Pelo Sr. Engenheiro Vieira Barbosa, ilustre Ministro da Economia, foi dado conhecimento à Imprensa de que o milho — recentemente colocado em regime de venda livre se — sofrer qualquer alta por especulação, será reabastecido o mercado forçando o restabelecimento de preços. O que foi manifestado poderá ser vendido a quem o produtor entender, na certeza de que, mesmo que haja baixas, a Federação o pagará a 1\$95.

O Sr. Ministro da Economia anunciou, também, a libertação de forragens e da sola e do trânsito de suínos.

A perspectiva de uma boa colheita e a abundância de outras gorduras, importadas, fez descer o preço do azeite em «mercado negro». A propósito, o Sr. Ministro da Economia declarou que o excedente do racionamento de azeite será vendido em mercado livre.

Desde que tomou conta da pasta da Economia, o Sr. Engenheiro Vieira Barbosa libertou os seguintes produtos que estavam racionados ou condicionados: bacalhau, massas, feijão, café, carne, derivados de carne de porco, batatas, farinha americana, milho, peixe, bananas, preus, gasolina, petróleo, manteiga; está a estudar-se a libertação do mercado do sabão, açúcar, arroz, azeite, farinha de trigo, álcool, carvão. O pão, embora em regime de racionamento, vende-se nas quantidades pedidas.

Foi autorizado o fabrico de toda a espécie de pasteis e o fornecimento de sanduiches e torradas em todos os cafés, restaurantes, bares, pastelarias e leitarias. Foram também autorizadas as ceias nos restaurantes, hotéis, casas de pasto, etc.

Uma providência de extraordinária importância e de larga projecção foi a da inscrição de novos armazenistas nos respectivos grêmios e a liberdade de os retalhistas escolherem os armazenistas que entendessem para lhes fornecer os géneros e produtos e até, pròpriamente, os fabricantes de novos produtos.

AO LADO DA NOBRE IDEIA

Castanheirenses!

Como ao artista o seu trabalho, como à criança o seu brinquedo quotidiano; como ao habitante o seu próprio Lar, a terra em que nascemos não nos desperta a atenção, se nela passamos tôda a nossa vida. E quando nuito, podemos ter por ela o apêgo que se tem aos objectos úteis.

Não sucede, porém, da mesma forma, se nos encontramos longe dela. Um pequeno nada, um acontecimento de relêvo, uma notícia qualquer que chegue aos nossos ouvidos, embora não nos diga respeito, se vem da nossa terra, já nos sobressalta e nos desperta a atenção.

E' que o nosso coração, quando ao longe, é toado pela saudade do que connosco vivia e se transplantou para êle, enraizando a cada recordação, crescendo e tomando o vigor de uma soberba planta, que a menor brisa agita.

Conterrâneo! Como pode pois, um assunto da nossa terra, não nos despertar o interêsse que deve sentir o filho pelo pai extremo?...

E' o que deve succeder, em relação ao palpitante assunto: «DEVER A CUMPRIR».

A ideia é digna do maior louvor.

E' a homens como o Visconde de Castanheira-de-Pêra, que em vida foi um Benemérito, por excelência, até hoje ainda não ultrapassado e nem sequer igualado, que os Castanheirenses devem o maior preito de gratidão.

Tudo quanto se possa fazer, para engrandecer o busto a erigir, ao que é Grande entre os Grandes da nossa Terra, será pouco.

As benesses por Ele doadas à terra que lhe serviu de berço, são inúmeras. Por isso, é justissimo que todo o Castanheirense de boa raiz contribua para tão Grande Obra, que perpétuará a memória de um dos Filhos illectos da sua terra e que servirá de espelho e orgulho aos vindouros.

Abílio Carvalho

Na quadra dos Três Grandes...

A Poesia e Alma Popular Portuguesa

A Poesia tem a sua bela expressão e definida característica, que se confunde em Portugal, através a alma do povo, visto que se apresenta com uma espontaneidade nata, ou seja uma predisposição do seu espírito para tão sublime modalidade artística.

Quem se dê, neste particular, ao estudo das manifestações no nosso povo, — a parte que evidencia qualidades que põem em relêvo o seu poder criador e espírito fantasista — vê dele, como filho da mesma raça, em a plena satisfação de vêr, em confronto com outros povos e raças, a superior afirmação de umas condições ráticas que não desmerecem que em muitos particulares, vai em das melhores presunções.

Havemos de concordar que este estudo que se dá com o povo português, sem favor, muito para exultar, e não é natural, podendo constituir a justa pontinha de vaidade a entrar.

Tendo nós sustentado que um estudo vale tanto mais pelas manifestações do espírito que exteriores, eis a razão, na nossa preferência, pela arte que evidencia, porque vejamos a enorme reserva sentimental, os amores da sua alma e coração em tantas qualidades e virtudes que os trabalhos espirituais, embora de a simplicidade encantadora, reflecte.

Num detido e consciencioso exame estudo das trovas populares, em a quadra, que de preferência tive e faz viver os seus melhores sentimentos espirituais e patrióticos vimos que bem merece o povo português da particular consideração excelente conceito, que os outros povos lhe dispensam e sobretudo da parte seleccionada ou seu alto conceito.

Se há ou não razão para tal — e quanto a nós não é mais do que a apreciação justa do que fica berantemente provado, como se vê, das belas, formosas e concei-

tuosas quadras que aqui transcrevemos dos cancioneiros que, organizados por espíritos de eleição, recolheram piedosamente, com a maior ternura e carinho os peregrinos labores da Alma Popular — muito para o Alto — quanto ascende em Fé e Amor nos superiores ideais e princípios nacionalistas, puríssimos e acalentados ao seu coração de patriôta convicto; e assim segue uma das quadras e outras se seguirão que bem asseveram uma verdade irrefutável:

*Avé-Marias são beijos
Os Padre Nossos, abraços,
Rosário — o dos meus desejos
A Cruz é abrigues me os braços.*

Como vêdes é sempre a Fé e o Amor a elevar e a vestir de belas roupagens os seus devaneios poéticos...

*No ventre da Virgem Mãe
Incarnou divina graça;
Entrou e saiu por ela
Como o sol pela vidraça.*

Que sublimidade de pensamento, que altíssima concepção do mistério que é a Divina Encarnação da vida piedosíssima cristã!...

E sôbre o decantado Santo que a mocidade sempre festivamente recorda e pelo que tem a mais terna e querida afeição:

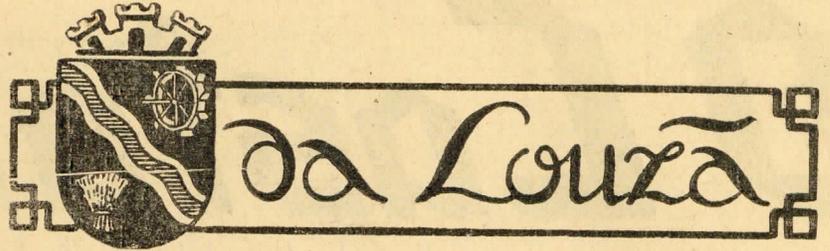
*Orvalhos de S. João
São lágrimas das estrélas,
Amor chorado às gotinhas
No coração das donzelas.*

E ainda, mais e melhor nesta outra, o canta e exalta:

*S. João adormeceu
Nas escadinhas do côro;
Deram as freiras com êle
Depenicaram-no todo.*

E ainda, com maior ternura, encanto e enlêvo do seu S. João:

As freiras cantam no côro



DOUTOR BISSAYA BARRETO

A Louzã honra-se sobremodo com as visitas do illustre Castanheirense Ex.^{mo} Sr. Doutor Bissaya Barreto, que há tempos a esta parte, aqui vem em serviço da sua alta e prestimosa missão de distinto médico-operador nos Hospitais da Universidade de Coimbra.

Sua Ex.^a tem vindo ao Hospital de S. João desta vila, operar, com assinalados êxitos, pobres e remediados, constando-nos que o fêz não só desinteressadamente, mais ainda, dispendendo do seu bolso com os serviços operatórios.

Honrando-nos com termos sido professor de Bissaya Barreto — o aluno mais distinto que a minha escola do Coentral viu, nos 28 anos que a regi — saudamos, mui sinceramente, o grande cientista-cirúrgico.

DR. EUGÉNIO DE LEMOS —

Este antigo e bemquisto Governador Civil de Santarém, sr. dr. Eugénio Viana de Lemos, foi nomeado para igual cargo no distrito de Coimbra, cuja posse teve lugar no dia 16 do corrente.

Sua Ex.^a ocupava, de há tempos, um alto cargo junto do Supremo Tribunal Administrativo.

Fica agora aquela digna autoridade a curta distância da Louzã, seu berço, onde as suas agradáveis visitas serão mais frequentes

Felicitemos o illustre louzanense.

INCÊNDIO — Há dias, após a passagem do combóio n.º 404 que sai de Serpins para Coimbra, às 10 horas, manifestou-se incêndio numa meda de palha de cevada a secar na eira do sr. João Sêco Filipe, do Casal do Espírito Santo, o qual foi imediatamente extinto por populares, sem maiores consequências, como aconteceu já, há dois anos, em que se queimou a casa do palheiro contígua à eira.

Não é raro registar-se incêndios em pinhais, searas, etc., ao longo do caminho de ferro, provocados pelas faúlhas que a chaminé das locomotivas larga e o vento leva, o que se evitaria se a encimassem de uma rede de arame ou coisa semelhante.

*As cachopas no serão,
Cantam as moças e as velhas
Na noite de S. João!*

A disposição do seu espirito quando canta bem o refletem estas quadras, onde vemos quanto pode o seu poder fantasista:

*Quem a mim me ouvir cantar
Cuidará que estou alegre;
Tenho o coração mais negro
Que a tinta com que se escreve.*

E nestas outras também o seu estado de alma:

*Não canto por bem cantar,
Ou por ter falas de amante;
Canto só para dar gôsto
A quem me pede que cante.*

*Vou deitar a despedida,
Por hoje não canto mais;
Já me doi o céu da boca
E o coração ainda mais.*

*Vou deitar a despedida,
Como a dá o Maio em flor,
Que se despede cantando,
Não leva pena nem dôr.*

E dizer, em verdade, se não é motivo para se ficar extasiado com o que o nosso povo tem concebido na arte de poetar que cultivava com profunda paixão...

*Não chames amor perfeito
A's coisas que a terra cria:*

DESASTRE MORTAL — O sr. João Antunes, casado, proprietário, de 60 anos de idade, do Casal do Espírito Santo, vindo de Vale de Maceira com uma carrada de pedra, ao destravar o carro, fê-lo com tanta infelicidade que caiu, passando-lhe o rodado por cima. Conduzido imediatamente aos Hospitais da Universidade de Coimbra, pouco depois de ali dar entrada, faleceu.

O infeliz sexagenário era muito estimado pela sua exemplar conduta.

CAÍDO DE UMA CEREJEIRA — Quando o sr. António da Sé, de Vilarinho, colhia cerejas, desequilibrando-se, estatelou-se no chão, do que lhe resultou a fractura de uma perna. Recolheu ao Hospital da Universidade de Coimbra.

SANTO ANTÓNIO — A dois passos desta vila fica a povoação das Poças, onde decorreram grandiosos festejos nocturnos em honra do popular taumaturgo — festejos que se prolongaram até alta madrugada.

O seu programa foi vasto e interessante. A receita líquida destina-se a um bodo aos pobres.

Louvamos esta simpática atitude da digna Comissão.

Barata de Mendonça

*Amôr perfeito só um,
Filho da Virgem Maria!*

Como o português distingue e perfilha o que tem por verdade em matéria de Fé Cristã...

E o espírito grácil desta quadra:

*Se os beijos puzessem nódoa
Como estaria o teu rosto?
Mas os beijos nunca sujam,
Quando são dados com gôsto.*

E esta ainda mais espirituosa e finalmente graciosa:

*Menina que está à janela,
Comendo trigo com queijo,
Faça da boca pistola:
Atire-me cá um beijo.*

E que perfume, encanto e beleza ressalta desta outra:

*Tua boca cheira a cravos,
Cheira a cravos que regala,
A que cheirárá beijando
Se cheira assim quando fala?*

Seria um nunca terminar as quadras belas, enternecedoras, que tanto emocionam e sensibilizam o nosso coração — o coração dos que sabem sentir e se deixam enternecer, em que a alma e o coração dêste grande povo e notável pelas suas qualidades e virtudes, tão grandemente engrinaldam e honram o nome português.

SOEIRO DA COSTA

Página Literária

— Dedicada ao intercâmbio literário e artístico luso-galaico —

Orientação de
A. Garibaldi

Publicação
MENSAL

Memento...

Mortalidade... — idade que nos morre...
A onda que dobrando mete ao fundo
a nau onde embarcar o ser vivente.
O indivíduo não volta à praia—outra onda!

E se não se transforma em semelhante
ser duma estrêla que o mar diz: — anda!
a natureza esperge-o de água morta
e cospe ao vento um crepe sôbre rochas...

E os grandes barcos do infinito e eterno
elos de bronze os prendem — tempo e espaço:
— Não nos perde a sereia fabulosa
no mar de eternidades e infinitos...

(Inédito) *Lusíadas de Carvalho*

Os mais belos encantos

Os mais belos encantos
Que nos prendem
A Vida, são decerto
Os femininos,
Aos seus minúsculos pés,
Grandes destinos
Se curvam avassalados e se rendem.

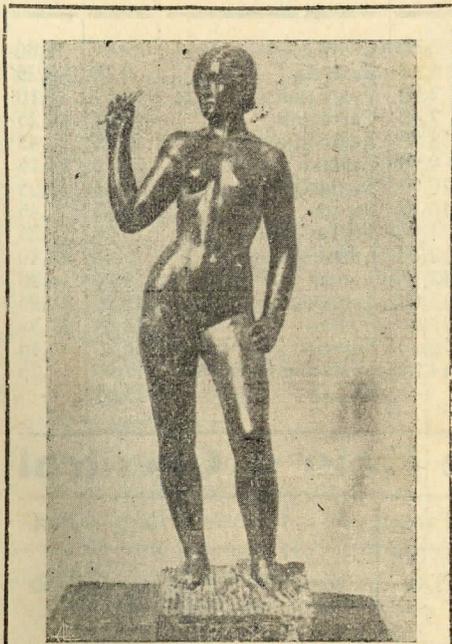
Não antevemos, pois,
Porque pretendem
Usar vestidos masculinos,
Se às sêdas e aos setins
Se tecem hinos
Que a graça e a beleza
Lhes esplendem.

Se as Evas, neste Mundo,
São flôres
De aromas subtis,
Embragadores
E querem,
Como tal,
Que assim as tomem.

Não metam
Lindas pernas torneadas
Nem as roliças
Côxas
Bem talhadas
Nas tão pouco atraentes calças de homem.

Lisboa, 1947. (Inédito)

Artur de Sousa Cabral



«PAX» — escultura de José Esteves Edo

Noriega Varela

Artigo que nesta página dedicamos a Noriega não o chegou êle a ver. O egrégio Poeta estava adoentado naquêle Março agreste que há pouco findou e o levou, pois que a sua vida entrou no ocaso, em 28 daquêle mês, como lâmpada que docemente bruxuleasse e de súbito se extinguisse. Perdemos, pois, um amigo que deveras estimávamos e admirávamos há quase 30 anos e que nos deixa perduráveis saudades.

Pobre Noriega! Estamos a vê-lo: forte arcaboijo abrigando um grande coração; testa ampla escondendo um cérebro poderoso; um ar ríspido encobrendo uma sensibilidade delicadíssima; maneiras sacudidas correspondendo à mais polida urbanidade e à mais pura sinceridade; e uma humildade comovedora.

Literariamente, culminara na linguagem galega, que cultivava com incomparável perícia, gostando muito de empregar os vocábulos na grafia portuguesa. Sendo um lírico mavioso, considerava grosseira e rude a sua arte. Era insaciável na sua sêde de perfeição formal. Em carta que religiosamente conservamos, dizia-no. êle que o seu soneto *Huraño sino!*, que nos mandava, era «montanaz, hieratico, como todo lo que yo produzco». E no entanto, êsses versos eram dignos da sua lira de tão mimosa ressonância, não tendo nada que desmentisse a palavra de Philéas Lebesgue, ao afirmar que Noriega era «el primer sonetista en tierra galega». Este juízo justificou-o o sagacíssimo crítico de *Mercure de France*, dizendo que os sonetos do autor *D'o Ermo* eram «insuperables, llenos de suavísima música verbal, de galáica saudade, y de deliciosa ternura». Aquêle livro de Noriega — escrevia ainda Lebesgue — «ocupa en mi biblioteca un lugar de honor».

Curvamo nos, reverentes, ante o féretro de Noriega que é, sem conteste, o repositório dos despojos de uma notabilidade do país visinho.

Viana-do-Castelo, 1947.

Julio de Lemos

FIGURAS LITERÁRIAS

Cândido Guerreiro

A PUBLICAÇÃO de um novo livro do distinto poeta Dr. Cândido Guerreiro, «Sulamitis», (livro saído há tempos) fez lembrar êste nome.

Isolado no seu Algarve, longe dos meios que fariam que o seu nome se tornasse mais conhecido, nem por isso o poeta deixa de ser justamente admirado pela valia da sua obra poética.

A título de curiosidade, lembre-se que a sua obra poética, que se iniciou em 1895, consta dos seguintes livros: *Rosas Desfolhadas*, 1895; *Pétalas*, 1897; *Avé-Maria*, 1900; *Sonet s*, 2.^a edição aumentada e acompanhada por uma carta de Guerra Junqueiro, 1916; *Promontório Sacro*, 1929; *Em Forli*, (o primeiro sermão de Santo António), 1931. Há, em italiano, tradução feita no mesmo ano de 1931, por Guido Battelli; *Rinha Santa*, 1934; *Auto das Rosas de Santa Maria*, com música do Dr. F. Fernandes Lopes, 1942; *Adeus*, 1942; *As tuas mãos misericordiosas*, 1944; e, *Sulamitis*, 1945.

Segundo disse o poeta, em entrevista publicada em «O Primeiro de Janeiro», há meses, pensa em publicar a seguir: *Uma Promessa*, pequeno poema de carácter folclórico; *Auto das Rosas de Santa Maria e Eros*, muita aumentado e, ainda, algumas séries de sonetos.

Os amantes da boa poesia não podem deixar de esperar com a mais justificada ansiedade a publicação destas jóias literárias — que, afinal, jóias de delicadeza são todas as obras saídas do engenho do sonetista adorável.

(Inédito)

NUNO BEJA

Maria Fernanda Franqueira

Virgem e roiva! E veio surpreendê-la
Nêsse enleio de amôr, nessa ilusão
A morte, tal e qual como uma estrêla
Que tomba, ainda em chamas, sôbre o chão!

Ai pòbresinha, pòbresinha dela!
E as rosas que criou no coração,
Rosas e goivos de luar — é vê-la —
Mais do que cinzas tristes hoje são.

O seu vôo de pássaro sagrado
Como um arôma oriental, distante,
Ficou pairando sôbre a terra ainda...

Jóvem e linda, foi um sônho alado,
Que até a Morte a arrebatou p'ra amante,
Até a Morte a quis, jóvem e linda!...

Braga, 1947.

(Inédito)

A. Garibaldi

Saudades...

Como nasce uma saudade?
Como é que vive e se cria?
Nasce da felicidade?
Nasce na dôr? Na alegria?

Ninguém sabe! Ninguém sabe
Saudade que origem tem,
E todos sentem saudade
Sem saber donde ela vem.

Achei saudades nas matas,
Nas ondas dos fundos mares,
Vi saudades nas cascatas
E vi passando nos ares.

No sub-solo se encontra
Saudades de entes queridos;
Em tudo a saudade aponta
Nos avivando os sentidos.

(Inédito)

Eugénio Soeiro

SONETO

Em vão procuro, olhando à minha volta,
Carinhos, afeições e entes queridos,
Aquêles a quem amo e estão cingidos
A' minha Alma, que dêles se não solta.

E nesta solidão assim envolta,
Minha Alma, o coração e meus sentidos,
Recordando os instantes mais vividos,
A minha Dôr profunda é já revolta.

Não posso sofrer mais êste Destêrro,
Esta ausência daquêles a quem amo,
Nestes vários caminhos onde eu erro.

E' uma tortura enorme êste viver,
Fantasiando-os sempre, em vão os chamo,
E nem um só encontro a responder.

(Inédito)

Mateus de Macedo

Eduardo Pereira Pinto & Filhos

Telefones P B X (Fábrika 1668
Escritório 1313

Enderço Telegráfico: DORATO

FÁBRICA DE ACESSÓRIOS PARA FIAÇÃO E TECELAGEM

A maior organização do género no País

Escritórios e Armazéns: Rua de Sá da Bandeira, 614 — PORTO

Lços metálicos, em aço. Grampos de aço temperado. Caixilhos (Perchadas) Malhões e Tirantes. Molas espirais. PENTES. Latas de Fibra Vulcanizada para Fiação. Cartões de Aço para Teares Romanos. Bobines em Madeira. Canelas. Lançadeiras de todos os tipos. Pinos de Madeira. Tempereiros. Pinças. Tezouras de Tecelão. Ganchos para coser Correias, etc.

Esta Casa tem sempre, para entrega imediata, todos os artigos de seu fabrico a PREÇOS CONVINDATIVOS.

AGENTE em CASTANHEIRA-DE-PERA: José Coelho Júnior — Telefone 16. Tem em Depósito os Nossos Artigos

CASA DOS LINHOS

TEIXEIRA DE ABREU & C.ª, L.ª
32, 33, 34—Largo 28 de Maio
35, 36, 37—GUIMARÃIS

Fabrico especial de panos de linho, atoalhados, panos de algodão colchas e bordados regionais

PREMIADO NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

Manuel Brinca

MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DOS OLHOS

Rua Ferreira Borges, 162, 2.º

(A PORTAGEM)

Telefones: Consultório 3039
Residência 3509

COIMBRA

Dr. Albano Coelho

INTERNO DOS HOSPITAIS

Ouvidos, Nariz e Garganta
Operações

Calçada do Carmo, 6, 1.º, D. (Rossio)

Telefone 22070

LISBOA

Consultas às 17 horas

Vai a Lisboa?

Hospede-se na PENSÃO CASTANHEIRENSE, junto à Igreja de S. Domingos, a mais central de Lisboa

Luxuosamente ampliada, com esplêndidos quartos. Optimo serviço de mesa e a preços acessíveis. Máxima seriedade

Rua dos Correeiros, 264, 2.º dt.º e Esq. — Telef. 28454 em todos os andares

José Gomes

Médico I. dos Hospitais

Doenças da boca e dentes

Consultório: L. do Chiado, 15-1.º

Telefone: 2 3923 — LISBOA

DR. HENRIQUE LACERDA
ADVOGADO

FIGUEIRÓ-DOS-VINHOS

TELEFONE 2

Em Pedrógão Grande:

A'S SEGUNDAS-FEIRAS

Quirino Sampaio

MÉDICO

Doenças da boca e dentes

Louzã

Em Castanheira-de-Pera

A's quintas-feiras, das 10 às 14 horas

No Hospital de S. José

SEGUROS

Nas melhores Companhias

Nacionais e Estrangeiras

José Coelho Júnior — C.ª-de-Pera

TRAPÓS

Para a Indústria de Lanifícios

L. FARGE, LIMITADA

Rua do Freixo, 1291 — PORTO

Telefones: Urbano 4494 e Estado 197 Enderço telegráfico: EGRAF—Porto

Casa especializada, estabelecida há 40 anos em Portugal e há mais de 100 anos em Espanha

Logo que o restabelecimento da normalidade o permita, voltaremos a apresentar à nossa clientela os escolhidos algodões indianos que forneciamos antes da guerra e tão apreciados foram sempre pela indústria de lanifícios nossa cliente

AGENTES (José Coelho Júnior — Castanheira-de-Pera
António Pereira Pais Espiga — Covilhã

ALBERTO Lopes

Rua Duque da Terceira, 123—Telefone 4401

PORTO

Maquinismos e seus pertences para as indústrias textis. Especialidade em correinhas e botas para aparato de cardas; correias de couro, atilhos e ganchos para coser correias; cordas de algodão, cordão para fusos e todos os acessórios em couro para teares. Pano riço verde. Cartão para prensa e teares. Cardo vegetal, etc. etc.

Carreira Diária de Passageiros

BOLO—LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionários:

Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.ª

Sede—FIGUEIRÓ DOS VINHOS—Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Coentral	—	17,50
Bolo	5,55	—	Bolo	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras || Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa R. da Palma, 268. Tel. 2 8114

SINDICATO NACIONAL DO PESSOAL DA INDÚSTRIA DE LANIFICIOS
DO DISTRITO DE LEIRIA
Sede
CASTANHEIRA DE PERA

Corporação de Bombeiros

Na Secretaria do Sindicato continuam a registar-se inscrições para a organização desta humanitária Corporação.

Igualmente é do conhecimento deste Sindicato já terem sido elaborados os Estatutos que hão-de reger e nortear a acção e desenvolvimento daquela presente Associação, que foram ultimamente aprovados pelo Conselho Nacional dos Serviços de Incêndio.

A todos os interessados na sua inscrição para os chamados «Soldados da Paz», recomendamos que dêem os seus nomes na Secretaria deste Organismo.

Banda de música

Continúa em franca reorganização esta Actividade que, sob a manutenção do Sindicato tem desempenhado papel preponderante nas festividades da terra e do concelho.

Os srs. Amadeu de Almeida Foz Cavacas e José Henriques Veras, antigos filarmónicos e actuais membros da Direcção do Sindicato, estão dedicando à Banda o melhor dos seus esforços e interesse, de colaboração com o incansável regente sr. Tibério Rodrigues Fernandes e com os restantes membros da Direcção deste Organismo.

O Sindicato não desleixou o assunto da filarmónica, como por mais de uma vez já tem constado no nosso meio. Pelo contrário, não poupa, nem poupará esforços para que a Filarmónica de Castanheira de Pera, confiada à sua guarda, ainda volte a ser o que foi, na medida do possível.

Pensa-se na remodelação do instrumental. Estuda-se a possibilidade de num futuro próximo se conseguir fardamentos novos para os filarmónicos. Ensinam-se e ensinam-se os elementos «novos» para o quadro da Banda, o qual deverá apresentar nas próximas festividades cerca de vinte e cinco figuras, mais seis, portanto, que na época anterior.

Neste plano, embora resumido, está bem patente a boa vontade que a Direcção do Sindicato dá mostras, para a chamada e tão discutida reorganização da Banda de Música.

Confia-se, igualmente, na boa vontade de todos os castanheirenses.

Aguardemos, pois!

Colónia Balnear Infantil

À semelhança dos anos anteriores pensa o Sindicato em organizar nesta época, pelo menos, mais um turno de 15 crianças, filhas de operários seus associados, a enviar para a praia da Foz do Arelho onde, sob o patrocínio da F. N. A. T., funciona a Colónia Balnear Infantil.

Na Secretaria deste Sindicato, pois aceitam-se inscrições para este fim, quer por intermédio das entidades patronais quer pelos interessados.

Cursos Nocturnos

Estando criados os Cursos Nocturnos para os operários da Indústria de Lanificios e não tendo sido possível o seu funcionamento durante os anteriores anos por motivos vários, pensa esta Direcção abrir no próximo período um curso destinado ao sexo masculino e outro ao sexo feminino.

O funcionamento destes Cursos dependerá de vários factores, sendo de aceitar, no entanto, a hipótese de que o assunto será favoravelmente resolvido.

Na Secretaria do Sindicato as inscri-

ções para esta iniciativa consideram-se desde já abertas para todos os interessados que, para quaisquer esclarecimentos, ali se devem dirigir.

Abonos e subsídios

Com a integração da Caixa de Abono de Família na Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria de Lanificios, foram suspensas algumas modalidades de subsídios: Renda de Casa, Funeral, Casamento e Nascimento.

Passados que são já dois meses, desta integração, devem muito brevemente ser restaurados os mesmos subsídios e, possivelmente, outros para diversos e beneficentes fins.

No que respeita propriamente ao Abono de Família, faz-se presente a todos os sócios, da tabela dos escalões posta em vigor pela Caixa Sindical de Previdência, a partir do mês de Abril, último:

Remunerações (Por mês)	Pessoas por quem se recebe	
	Por ascendentes	Por descendentes
Até 1.000\$00	40\$00	60\$00
Até 2.000\$00	60\$00	80\$00
Mais de. 2.000\$00	80\$00	100\$00

O despacho que estabeleceu esta tabela manteve também a concessão do Subsídio de Aleitação.

Igualmente consta que as famílias dos operários-beneficiários da Caixa e sócios do Sindicato, numa data muito próxima, virão a ter também assistência e medicamentos.

E' uma acção verdadeiramente notável a que está desempenhando a nossa Caixa Sindical de Previdência, digna de todos os louvores pelo bem que espalha entre o operariado, não falando já no «Raio X», melhoramento importante e de veras significativo que é um facto já há meses.

X. X.

De Vila Facaia

CASAMENTO

Junho, 3 de 947 — No dia 31 de Maio, findo, realizou-se na Capela da Senhora do Pilar, do lugar da Soalheira, freguesia da Graça, o casamento da senhora D. Adelaide Oliveira David e do sr. Damião David de Campos.

Testemunharam o acto, pela nubente, seus tios, srs. José Caetano de Oliveira e D. Belmira B. de Oliveira Soares Pinto, e pelo nubente, seus primos sr. Damião de Oliveira David e D. Maria das Dôres de O. David.

Foi celebrante o sr. Arcipreste António Inglez, que após a cerimónia, pronunciou comovida alocação, enaltecendo as qualidades morais dos noivos.

Em seguida, celebrou a Santa Missa, que foi acompanhada de um Grupo Musical Figueiroense, tendo este também animado a festa realizada durante a tarde.

Na residência dos pais da noiva, foi servido um lauto almoço que decorreu no meio da maior animação.

Aos noivos, que seguiram para o Norte em viagem nupcial, e família, desejamos muitas felicidades.

C.

Crónica da Aldeia

Da seara alheia...

Há duas dezenas de anos que escrevemos para o *respeitável público* — talvez por *mania* hereditária que nos legaram nossos avós, também *carolas* da Imprensa? Seja como fôr! Adoramos, por vocação, por instinto, este *teatro* de peças escritas pelos próprios protagonistas...

Hoje — só hoje — abandonamos esta desprezível secção. A nossa caneta vai *tomar ares*. Fica a *substituí-la*, muito dignamente, o nosso prezado camarada, José Manuel Pereira, do não menos nosso estimado confrade, «Voz do Sul»:

«Não se encontram no campo de quem segue a humilde profissão de limpar sapatos os «engraixadores» de quem nos vamos ocupar hoje. Outrossim podemos descobri-los a toda a hora ao lado de quem exerça qualquer cargo de responsabilidade, dando «lustr» com modos untuosos a toda a espécie de patrões, alcoviteando misérias, desgraças e erros dos que lhe moram ao pé, mentindo muitas vezes para guindar se eles próprios, mostrando podres nos outros, quando ninguém há mais podre, mais vil e mais rasteiro.

Achamo los à esquina da fábrica, no preparo da terra, a cada canto da oficina, na banca da repartição, sorridentes, satisfeitos, dando lições de optimismo e de filosofia balofa, ou aborrecidos, apoquentados, consoante a ocasião, buscando saber todos os porquês, conhecer todas as opiniões diversas, imitando nas quem escutam ou quem os escuta, para melhor poder enganar.

O «engraixador» é assim. Faz-se compadre, camaradão, e quando menos se espera atraiçoa. E o mestre, capataz ou director a quem repugnam processos semelhantes, escuta, desinteressado, talvez apreciando até onde chega o servilismo.

Outros há que es timulam os «graixas» para remecher, esgravatar nos segredos de quem se lhes aproxime, para lhes saberem de todas as fraquezas. Sabendo-se adulados dão pequenas facilidades, ajudam, incentivam.

E os outros, fiados nisso, mais repugnantes se tornam ainda, na sua tarefa de olhar e ouvir.

A sociedade, para ser um pouco melhor constituída, devia expulsar de si esta espécie rastejante e bajuladora. Os chefes de quem se aproximassem deviam repudiá-los, mostrando-lhes a hediondez do acto para, se possível, servir-lhes de emenda, e todos os camaradas que os descobrissem, bem tariam em lhes cuspir no rosto.

Para quê, atribular vidas tão atribuladas de si, tirando-lhes curtos momentos em que porventura pudessem descansar o cérebro, fatigado de incertezas? A era que passamos, a trave de qual se descortina progresso, com esperança de melhores dias, não deve tolerar casos destes, nos quais apenas se descortina retrocesso bruto, com laivos de malvadez.

E todos que de humanos merecem o título, terão dado um passo em frente quando se unirem, em comunhão de ideias e obras, para acabar com o aborto que os espia.»

Não acham que este espaço ficou muito bem preenchido?

SERRANO

Manuel Dias das Neves

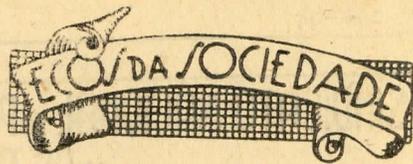
Acompanhado de sua dilecta filha, menina Maria Manuela Dias das Neves, cumprimen-tou-nos, nesta redacção, o nosso dedicado assinante sr. Manuel Dias das Neves, acreditado comerciante e proprietário no lugar da Lameira Cimeira, concelho de Pedrogão Grande.

Agradecemos as suas atenções.

ANJIBO

Em Lisboa, onde se encontrava em tratamento, expirou ante-ontem, a inocente Lucília Francisco de Almeida, de 4 anos de idade, filha do sr. Abdias de Almeida e de sua esposa senhora Celeste dos Prazeres Almeida, falecida há seis meses.

Este acontecimento contristou quantos co-



Dr. Albano da Encarnação Coelho — Em companhia de sua ex.ma esposa e seu ex.mo sogro, sr. Pompeu B. Carreira, que também se fazia acompanhar de sua ex.ma esposa, estiveram no domingo nesta Vila, de visita a sua respeitável família, estes nossos estimados conterrâneos.

Domingos da Silva — Também aqui esteve no passado domingo este nosso dedicado amigo, conceituado comerciante na Capital, que se fazia acompanhar de sua ex.ma família.

Capitão Paula Santos — Cumprimos nesta Vila este ilustre oficial, comandante da GNR de Leiria e Delegado Distrital da IGA, que aqui veio em missão de serviço.

Tenente Alberto Moraes — Também em missão de serviço esteve nesta localidade este distinto oficial, comandante do posto da GNR de Pombal, que nos honrou com os seus cumprimentos. Agradecemos.

Partidas e chegadas:

Deslocou-se à Capital o nosso particular amigo sr. António de Barros, sócio-gerente da firma Barros, Anunes & C.ª.

Também seguiu para aquela cidade o nosso estimado amigo sr. Angelino H. Coutinho, sócio da firma local Tomaz & Carvalho, L.da.

De Lisboa regressou o sr. Domingos Alves Bebiano, acompanhado de sua ex.ma esposa, senhora D. Fernanda Bebiano.

De Coimbra regressaram os srs. Albino Fernandes e Adelino Luiz Caetano, considerados comerciantes da nossa praça.

A Leiria, em missão de serviço, deslocou-se o nosso particular e considerado amigo sr. Ruben Roballo Severino, digno Delegado Concelhio da IGA, nesta Vila.

De Lisboa regressou o sr. Manuel R. Moutinho, nosso dedicado assinante e zeloso Chefe da Secretaria da Delegação C. da IGA, local.

Para a Capital seguiu o nosso amigo sr. Henrique Henriques Lopes, que teve a amabilidade de nos cumprimentar. Obrigados pela deferência.

Regressou às Cadas das Taipas o nosso conterrâneo sr. José Alves Miranda, acompanhado de sua ex.ma esposa e filhos.

Para Lisboa seguiu o nosso particular amigo sr. José Francisco Diniz, sócio da firma José Tomaz Henriques, Suc.s., L.da, que ali se deslocou em missão de negócios.

Cumprimos nesta Vila o nosso amigo sr. Virgílio Tomaz Henriques, estudante de engenharia.

Em férias, estão entre nós, os estudantes José Carlos Alberto G. F. de Carvalho, Henrique Barahona, respectivamente filhos dos nossos estimados assinantes, srs. Roberto F. de Carvalho, industrial de lanifícios e Manuel Tomaz Barahona, digníssimo gerente da CGD, nesta Vila.

De Coimbra regressou o nosso particular amigo sr. Pompeu R. Costa, sócio-gerente da firma local, Tomaz, Costa & Irmão, L.da, que se fazia acompanhar de sua ex.ma esposa e filho.

Esteve naquela cidade o nosso assinante sr. Abílio R. Lopes, comerciante e proprietário no lugar de Pêra.

Depois de uma permanência de três anos nesta Vila, retirou ontem para Lisboa, onde vai exercer a sua actividade, o sr. Aires Noronha.

Doentes:

Continua doente o nosso conterrâneo, comerciante na praça de Coimbra, sr. Marcolino Tomaz Lopes, que se encontra internado num quarto particular dos Hospitais da Universidade. Folgamos, sinceramente, com as suas melhoras.

Completamente restabelecido, já se encontra na gerência dos seus negócios, o nosso amigo sr. Manuel Tomaz Henriques, sócio da firma José Tomaz Henriques, Suc.s., Limitada.

Encontra-se a caminho de francas melhoras o nosso amigo sr. José Alves Miranda.

Continua em Coimbra, afim de ser operado, o nosso assinante sr. José Alves da Silva, a quem desejamos bom resultado.

Também em Lisboa aguarda intervenção cirúrgica, o nosso amigo sr. Alberto Rodrigues, proprietário no lugar da Moita.

Regressou ontem de Coimbra a senhora Felzabela Alves Bernardo, dedicada esposa do nosso assinante sr. Abílio Alves Bernardo, que ali se deslocou para a acompanhar a esta Vila.

Tem guardado o leito, com forte ataque de gripe, o nosso estimado assinante sr. Tibério Rodrigues Fernandes, proprietário da Pensão Tibério.

O Castanheirense

Visado pela Comissão de Censura de Coimbra

ASSINATURAS: Quádrimestre \$8.40 Cobrança pelo correio mais \$1.00	PUBLICA-SE NOS DIAS 1, 10 e 20 DE CADA MÊS	ASSINATURAS Estrangeiro: ano 44\$70 Império Português: ano 37\$20
---	--	--

Comentário

S. JOÃO E S. PEDRO

SURPREENDEU-NOS, na nossa banca de cabouqueiro da Imprensa, fragmento de folha de papel de côr berrante, com caracteres fortes, que alardeiam assim: «Grandiosos festejos aos Santos Populares, S. João e S. Pedro, nos dias 22, 23, 24, 28 e 29. Luz, música e alegria. Estes festejos serão abrilhantados por uma orquestra de amadores e pelo acordeonista Eliseu Oliveira. Baila, até de madrugada. Serviço de bufete e a tradicional sardinha assada.»

Como se lê, vão ser cinco noites de alegria, oferecidas à mocidade e ao *entradote* que não sente mazela no motor físico. Isto, deve-se a uma Comissão que sabe da Iniciativa... E' de louvar, na verdade.

Mas estes folguêdos, não nos tocam cá pela porta. São criação dos pedrogenses, que sabem folgar e preparar petiscos, ao ar livre, saboreando a «tradicional sardinha assada», entre luminárias e músicas, atirando as espinhas aos indolentes...

Oxalá que alguns dos ornamentos da mocidade de Castanheira não vão a Pedrogão Grande nas horas da «tradicional sardinha assada»...

Passeio de confraternização

No último domingo, os operários da importante Fábrica de Lanifícios Manuel Alves Ceppas, desta Vila, reuniram-se na altitude denominada Santo António da Neve, um dos pontos mais férteis de encantamento da nossa região.

Como o dia se apresentasse convidativo, aquêle pitoresco local foi visitado por algumas famílias desta Vila, de Lisboa e Porto.

FALECIMENTOS

Maria Alexandre Nunes

Na sua residência, no lugar da Palheira, faleceu, inesperadamente, esta senhora, dedicada esposa do nosso assinante sr. Miguel Nunes, empregado superior da firma, Sociedade Industrial do Bolo, Limitada.

A extinta, que contava 60 anos de idade, era dotada dos melhores sentimentos, consentando o seu prematuro desaparecimento todas as pessoas que a conheceram e que consigo privaram.

O seu funeral foi muito concorrido. A família enlutada, muito especial ao nosso particular amigo sr. Miguel Nunes, apresenta «O Castanheirense» sentidas condolências.

Na nossa Redacção

Vieram cumprimentar-nos os nossos dedicados assinantes srs. Joaquim Caetano Júnior, proprietário e comerciante na praça de Lisboa; Alberto Luiz Macedo, João Agostinho Henriques e Albano Bento, também comerciantes na Capital.

Estes nossos amigos que são naturais do Coentral das Barreiras, vieram de visita a suas famílias, aproveitando o ensejo para assistirem à festa em honra de Santo António da Neve, levada a efeito, no local do mesmo nome, no dia 13 do corrente.

Os nossos agradecimentos.

DOENTES:

Já se encontra nesta Vila a menina Judite Mendes, dilecta filha do nosso considerado conterrâneo sr. Matias David, que em Lisboa permaceu em tratamento da sua saúde, encontrando-se, felizmente, livre de perigo.

Tem experimentado sensíveis melhoras a senhora D. Maria Aurora Coelho, esposa do nosso muito amigo sr. José Alexandre e estimada irmã do proprietário e gerente das Oficinas Gráficas da Ribeira de Pêra, Limitada, sr. José Coelho Júnior. Desejamos-lhe pronto restabelecimento.

Empresa Auto-Viação, Limitada

POMBAL

Comunica que iniciou a nova CARREIRA entre POMBAL e CASTANHEIRA-DE-PÊRA, que passa a efectuar-se às segundas-feiras, quartas e sextas, com o seguinte horário:

	Cheg.	Part.	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.	Cheg.	Part.
POMBAL	—	4,00	—	17,15	CAST.ª DE PERA.	—	7,55	—	15,00
Ancião	5,00	5,30	18,15	18,20	Fig.-dos-Vinhos.	8,45	8,50	15,50	16,20
Pontão	5,45	5,46	18,35	18,36	Pontão	9,25	9,26	16,55	16,55
Avelar	5,54	6,05	18,44	18,45	Avelar	9,31	9,32	17,00	17,15
Pontão	6,13	6,13	18,53	18,54	Pontão	9,37	9,38	17,20	17,25
Fig.-dos-Vinhos.	7,00	7,45	19,41	19,45	Ancião	9,53	10,00	17,40	18,00
CAST.ª DE PERA.	8,30	—	20,40	—	POMBAL	10,45	—	18,45	—
Efectuam-se:	Diária	A's 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs feiras			Efectuam-se:	2.ªs, 4.ªs e 6.ªs feiras	Diária		

Com esta nova CARREIRA a Empresa estabelece ligações aos comboios 51 (Rápido) 18 e 3, em Serviço combinado com a C. P. e às Carreiras de Passageiros para Leiria e Coimbra.

Interesse público

INFORMAÇÕES

Durante o corrente mês e até ao dia 31 de Julho deve proceder-se, nas repartições respectivas, à aferição de pesos e medidas, mais instrumentos de pesar e medir.

Durante o corrente mês e até ao dia 31 de Julho deve proceder-se ao manifesto das oliveiras e fruteiras.

Os comerciantes ou industriais que ainda não efectuarem o pagamento da licença municipal de comércio e indústria, que devia ser paga em Abril, devem pagá-la, acrescida de juro de mora e sob pena de cobrança coerciva.

Sob pena de relaxe, devem ser pagas pela sua totalidade e acrescidas de juro de mora as colectas de contribuição predial divididas em quatro prestações e das quais ainda não foi paga a primeira, vencida em Janeiro.

Devem ser renovadas as licenças semestrais para uso, porte e detenção de armas de defesa; e de venda ou revenda de tabacos a retalho.

Deve ser requerida a renovação das licenças denominadas de «porta aberta».

Os agricultores que ainda o não fizeram devem proceder ao manifesto das sementeiras de milho de sequeiro e de regadio, arroz e feijão e das plantações de batatas de regadio.

José Bebiano C. H. Silva

ADVOGADO

Castanheira-de-Pêra

A's segundas-feiras em FIGUEIRÓ-DOS-VINHOS

Escola Industrial

(Continuado da 1.ª página)

mente, essas reclamações» (Pág. 51). Em certas regiões predomina o sôro, noutras o gado lanífero, ainda noutras o leitífero, etc., dando margem a indústrias diferentes, e, por seu turno, exigem ensino adequado.

No caso de Castanheira-de-Pêra está, assim, naturalmente indicada, uma escola industrial exactamente ajustada às características, actividades e aptidões do seu meio e geografia humana.

Se, num amanhã próximo ou afastado, após o estabelecimento de uma escola desta categoria e natureza, se verificar urgência de alargamento e acréscimo de laboração nova para o seu programa de ensino, nada se opõe, a que se proceda de harmonia com o volume de necessidades, criadas pelo tempo, pela experiência e pela evolução.

Mais ou menos todos os povos tiveram e continuam tendo as indústrias consentâneas, através das dades, ocorrendo facto de infuir no seu desenvolvimento uma serie de circunstâncias alimentares, climáticas e de hereditariedade, que escapavam a observação do conjunto e também, por vezes, a análise pormenorizada.

No «Regulamento das Escolas de Ensino Elementar Industrial e Comercial», aprovado por decreto n.º 2609-E, de 4 de Setembro de 1916, o texto do art. 3.º é o seguinte: «As escolas poderão também ensinar, por ordem do Governo ou a pedido de particulares, os aparelhos, materiais e processos susceptíveis de vantajoso emprego nas indústrias locais, e serem encarregadas de divulgar os aperfeiçoamentos que possam ser introduzidos nessas indústrias.»

AO tempo da publicação deste Regulamento existiam, além das escolas industriais precedentemente citadas, mais estas: as do Funchal, de Leiria, Aveiro, Braga, Coimbra, Faro, Figueira-da-Foz, Viana-do-Castelo, Vila Real e Viseu, havendo na de Leiria: «um curso móvel à Marinha e à Batalha» (expressão do Quadro I do aludido regulamento).

Algumas das mencionadas escolas são industriais-comerciais A Capital, só industriais, pelo menos regista quatro: de «Afonso Domingues», de «Machado de Castro», do «Marquês de Pombal» e do «Professor Benevides».

No entanto, a meu parecer, Castanheira-de-Pêra é digna de instituto de maior extensão.

F. NORONHA

Ponto "a jour"

Execução perfeita, em máquina própria e confecção de roupa branca. Rua do Dr. Eduardo Correia (em frente à escola primária) nesta Vila.